

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE PORTUGUEZ

— * —

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado da col., vol 102. vol. XII)

1844

Senhora mandae soccorro
A'quella triste galera,
Que está captiva dos Mours
Nas côstas da Inglaterra.

1845

Já me não lembrava d'Elvas
Nem que tai cidade havia;
Não me esquece o meu amor,
Nem de noite nem de dia.

1846

Não me lembra pae, nem mãe,
Nem o leite que mamei,
Lembra-me só o meu amor,
Que na minha terra deixei.

1847

Heide ir aquel' Oiteiro
Heide abraza-l-o com ais,
Em altas vozes gritando,
Eu morro, vós me mataes.

1848

Hei-de subir zo loureiro,
Inda que seja pela rama,
Para ver o traveseiro,
Que a menina tem ra cama.

1849

Eu hei-de subir ó alto,
Que eu do alto vejo tudo;
Para ver se o meu amor
Anda jogando o entrudo.

1850

Passarinho que passa o rio
Passa o rio e não bebe,
Tambem eu passo as noites
Sem to vêr, cara de neve.

1851

Eu já fui a Inglaterra,
Já naveguei n'aquelle már,
Ouvi cantar a sereia,
Fiquei suspenso no ar.

1852

Monina da poupa alta,
Pónha-lhe um ramo de murta,
Que anda agora muito em moda,
Meia branca, saia curta.

1853

O encarnado não brilha,
Sem ter o azul ao pé;
Tomar amores não custa,
Deixal-os é que ella é.

1854

O encarnado é guerra,
Guerra é a tua saia,
Ainda não fui a Hespanha
Porém já passei a raia.

1855

Mal o haja quem te deu,
Fita preta p'r'ó chapu,
Que te queria eu dár
Uma azul, da côr do ceu.

1856

Antonio, nome de joia,
A tua cara é um sol,
Cercada de diamantes,
Com pedrinhas ao redor.

1857

Camarada, amigo meu,
Que já te não conhecia,
Ninguem te quer mais do que eu,
Cá na nossa freguezia.

1858

Prometteste e faltaste,
Nosea amizade deu fim,
Se eu promettera e faltara,
O que dirias de mim?

1859

Rapezes e raparigas
E' mau gado de apartar,
Juntam-se uns com os outros
Não querem senão brincar.

1860

As raparigas de meu tempo.
Já vão estando acabadas,
Umaz morrer, leva-as Deus,

E outras já estão casadas.

1861

Ouvi cantar a areia,
Com uma voz be'n maviosa,
Não sei se é bonita ó feia
Se é da fala graciosa.

1862

Lança a noite triste escuro.
P'ra aquelles que Deus amasse;
Nunca a noite acabaria,
Se os astros não mudassem.

1863

Ateimar com quem não quer,
E' malhár em ferro frio,
Amor ama a quem quizeros,
Que a mim não me faz desvio.

1864

So passares pela egreja,
Tira o chapéu á cruz,
O meu amor é alferes
Da bandeira de Jesus.

1865

A oliveira do adro,
Do vento é combati-la,
E' como a moça solteira,
Que de amor é perseguida.

1866

O anel que tu me deste
E' de *cravina* encarnada;
Pensas que tenho outro amor,
A'chas-te mal enganada

1867

Silva verde delicada,
Chega-te a mim, fíz encosto,
Que me importa que o mundo fale,
Sendo o amor a meu gosto.

1868

Silva verde pica muito,
Ainda a sêca pica mais;
Por causa das tuas teimas,
Dou eu suspiros e ais.

1869

O' alto pinheiro da França
Onde a trôpa abarracou;
Onde houve o cruel combate,
Quando a França retirou.

1870

Quando eu vim de Lisboa
Villa Franca me lembrou;
Villa Franca da minha alma,
Que já para mim acabou.

1871

Nas ondas do mar negro,
Faz o rouxinol o ninho;
Se me queres algum segredo,
Fala, que eu não adivinho.

1872

Venho das minas do ouro,
Mas eu não venho dourado,
Venho da terra das môças,
Inda não venho casado.

1873

Eu venho do Oriente,
Lá de onde o sol nasce
Não vi estrella mais luzente
Nem que mais me alumiasse.

1874

O' ôlhos enganadores,
Encostados á malicia,
Já tens outros amores,
Já me deram essa noticia.

1875

Quando Troia se arrazou,
Trez dias choveu areia,
Só uma alma escapou
No ventre d'uma baleia.

1876

Embarquei n'uma canôa,
Para a Villa d'Azeitão;
Frade leigo não tem corôa,
A culpa é do guardião.

1877

A tua manta, ganhão,
Tom uma nodoa d'azeite,
Não ha môça na fuação
Que o ganhão não regceite.

1878

O' peixes do mar salgado,
O' aguas do rio frio;
Se tu me quizeres mal
Deus me dê algum desvio.

1879

A canna verde no matto
Signal é de fonte haver;
De todo o mundo me aparto,
Só de ti não pode ser.

1880

Canna verde, verde canna,
Trago eu no meu collette,
Que me dou o meu amor,
Que é um lindo ramalhoto.

1881

O limão, verde limão,
Tem a casca como a lima;
Nasce o sol em S. Romão
Deita raios a Franquinha.

1882

Retira-te laranjeira,
Deixa passar o meu bem,
Que lá me dizem que vae preso
Para a cadeia do Trem.

1883

Ha quinze dias com hoje
Contados pelos meus dedos;

Que eu não vejo o meu amor,
Tudo por causa d'enrados.

1884

Hei-de retratar o meu bem
Na palma da mão direita,
Para sempre ter à vista
Esta açucena bem feita.

1885

Orfã, sozinha no mundo
Vida assim será viver?
Para quem é desgraçada,
Mais lhe valera morrer.

1886

Ai de mim que assim pensava,
No mundo triste vivia,
Que até do céu um anjo
Me quiz fazer companhia.

1887

Quiz fazer um cigarro,
Para não perder o costume,
Só me veio a fazer falta,
Tabaco, papel e fumo.

1888

Janella que estás de luto
Sem a tua guarnição;
Quando a janella está triste
O que fará meu coração.

1889

Disse a lima ao linão
Qual de nós será mais doce,
Dava-te o meu coração
Se o teu pró meu assim fosse.

1890

O cantar é para os tristes
Eu quero cantar agora;
O meu coração anda triste,
E muitas lagrimas chóra.

1891

A viola pela prima,
A prima pelo bordão;
O homem pela palavra,
A mulher pela razão.

1892

Venho aqui sem saber,
Cantar sem ter estudado,
Senhores o que hei-de eu fazer,
Se eu estou tão envergonhado.

1893

Janellas para o deserto
Só o meu amor as tom,
Eu hei-de mandal-as fazer,
Para o deserto tambem.

1894

Se é por piques, não me piques,
Se é por troça não entendo,
Se é por lograr's meus olhos
Eu de ti nada pretendo.

1895

Bem podia a trovisqueira,
Ser doce, e não amargar,
Bem podia o meu amor,
Ser firme e não me faltar.

1896

Agora canto eu,
Que me compete a razão,
Tenho aqui os meus amores,
Elles me responderão.

1897

Sobrancelhas mais galantes,
Impossivel é havel-as,
São laços de finas fitas,
Que emcobrem duas estrellas.

1898

Os caracoos do tou cabello,
E' o que te dá mais graça;
Parecem pastinhas d'ouro,
Onde o sol se embarça.

1899

Salsa verde *soltrêria*,
São palavras em latim;
Deus me dê bastante ideia,
Para te cantar assim.

1900

Quero-te contar um conto,
Eca d'uma vez um rei;
Minha alma por ti suspira
A tua por mim não sei.

1901

Se o Padre Santo soubesse,
O gosto que o cazár tem,
Deixava cazár as freiras,
E cazava elle tambem.

1902

Alegrarão-se os meus olhos,
Meu amor, quando te vi;
Quanto mais contigo falo,
Menos posso estar sem ti.

1903

O loureiro está quebrado,
E em tres partes offandido;
Não me percas a amizade,
Que eu não te perco o sentido.

1904

Goivo roxo, goivo roxo,
Colhido na goivaria;
Quem quer bem trata-se por tú,
Amor não tem senhoria.

1905

Antoninho pè de goivo,
Dizes que te não mereço;
Quantas fôlhas tem o goivo,
Tantas ponas eu padeço.

1906

Atirei com o cravo ao pôço

A roza lá foi a dár;
Diga o mundo o que disser,
Eu sempre te hei-de amar.

1907

Não ha flôr como o junquillo,
Nem cheiro mais divinal;
Nem amor como o primeiro,
Nem coração mais leal:

1908

Encontrei a douradinha,
Na escada da igreja;
Quem quizer tirar-me o amor,
Em ferros d'El-Rei se veja.

1909

O' tempo que já passaste,
Tarde ou nunca voltarás,
Se eu com lagrimas pudesse
Fazia-o voltar atraz.

1910

O ceu se veste de gala,
As estrellas tenham veu,
Já tenho amores novos,
E' justo se alegre o ceu.

1911

O meu amor foi-se embóra
Sem motivo, nem razão,
Por dár ouvidos ao mundo,
O mundo è um ladrão.

1912

O meu amor foi-se embóra
Já fez a vontade a alguém,
Paciencia, não importa,
Sem amores eu passo bem.

1913

O meu amor me deixou,
Por isso não me consumo,
Deito-me na minha cama,
Mais descançadinha durmo.

1914

Nem o cravo, nem a roza,
Nem o jardim nem as flores,
Nem a primavera toda,
Se comparam c'os meus amor's.

1915

O bom trigo è o que estála
Quando se lhe mette a fouce;
Quem não tem bôcca è que fala,
Quem não tem pé è que dá couce.

1916

O sol è marco da lua,
Espelho da lindeza,
Ama-me com lealdade,
Que eu te amarei com firmeza.

1917

Já não quero cantár mais
Na tua terra, ó menina,
Que me chegam as saudades,

Quero ir cantar à minha.

1918

Tenho um cazaco de chita,
A' camponeza talhado,
Tenho visto caras lindas,
Só a tua è do meu agrado.

1919

Eu já fui a Olivença,
Trez dias andei a pé,
Amor faz a diligencia,
Que a falta por mim não è.

1920

Tendes os olhinhos pretos
Comparados ao velludo;
Mal o hajam poucos teres,
Que è o que desmancha tudo.

1921

As saudades que de ti tenho,
Já as não posso occultar,
Passa um dia, outro vem,
E eu sem te poder falar.

1922

Meu amor, se Deus quizer,
Inda nos havemos de ver;
O mundo dá muita volta,
Tua posso vir a ser.

1923

Ainda que eu queira não posso,
Faltar à minha palavra,
Eu heide cazár contigo,
Morrer depois não se me dáva.

1924

Não se me dá de quem tem,
Goivos roxos á janella;
Tambem eu tenho á minha,
Uma rozeira amarella.

1925

Lá em cima, n'aquella serra,
Cae a folha ao suspiro;
Não vi houtem, vejo hoje
Quem eu tenho no sentido.

1926

Eu hei-de amar a cereja,
E tambem a cerejeira;
Eu hei de amár a meniva,
Antes que su pae não queira.

1927

O' roza em tu morrendo
Quem te ha-de levar á côva,
Quatro rapazes solteiros,
A cantar a moda nova.

1928

Eu sou aquella que disse,
O' contigo ó com a terra,
Se tu não casares comigo,
Eu heide morrer donzella.

(Continua)